

# Newsletter CJE

Setembro 2023

A CJE FGV tem o prazer de divulgar a 24ª edição de sua Newsletter. Esta edição conta com um texto feito em parceria com Maria Clara Makul, do GEF Partners. Ela conta sobre sua carreira, sobre investimento de impacto e sobre a situação do mercado de Private Equity, além de perspectivas para o futuro.

## Sobre a CJE

Fundada em 2007, a CJE é a Empresa Júnior de Mercado Financeiro da FGV. Realizamos projetos relacionados a economia e finanças para empresas do mercado.

- Em setembro de 2023, proporcionamos aos candidatos aprovados na penúltima fase do nosso Processo Seletivo a oportunidade de conhecer a sede do Bank Of America no Brasil. Nesse possível primeiro contato com a Faria Lima, eles puderam conhecer a área de Equity Research de um dos maiores bancos do mundo, além de resolver um case.
- Neste mês, fomos convidados pela Bloomberg para um treinamento presencial em seu escritório. Foram abordados os principais atributos e funcionalidades do Terminal Bloomberg, plataforma sobre a qual o conhecimento é, cada vez mais, fundamental para todas as áreas do mercado financeiro.



**Maria Clara Makul**

*É formada em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), tendo realizado intercâmbio na Esade. Foi diretora de Vendas na CJE e, desde 2020, trabalha no GEF Capital Partners, além de possuir a certificação CFA em Climate and Investing.*

## Carreira

Maria Clara Makul ingressou no curso de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sem ainda ter certeza de qual caminho gostaria de seguir profissionalmente. Durante a graduação, fez parte da CJE, onde, além de ter sido diretora de Vendas, participou de diversos projetos e teve contato com ex-membros que já estavam no mercado. Foi a partir dessas experiências que decidiu seguir carreira no mercado financeiro. Private Equity chamou sua atenção por ser uma área que exige do profissional uma habilidade dupla de pensar na agenda de criação de valor das empresas do portfólio, tanto com cabeça de gestor de fundo quanto de dono de empresas. Ainda, é um setor que desenvolve capacidades técnicas e inter-relacionais muito fortes. Algo que a surpreendeu ao ingressar na área foi a falta de sofisticação dos controles financeiros em empresas do *middle market*, o que requer bastante tempo durante a análise das companhias.

Maria Clara obteve a certificação em Climate and Investing do CFA Institute, o que dialoga diretamente com sua atuação no GEF Capital Partners, gestora de private equity com foco em investimentos climáticos. Makul acredita que, ao decidir buscar uma certificação CFA, é preciso analisar se é estratégico para a área em que se atua, visto que requer um alto investimento, tanto de recursos financeiros quanto de tempo. Acerca de Master in Business Administration (MBA), ela acredita que a importância vai muito além do conhecimento adquirido. Apesar de boa parte do que é aprendido também ser obtido na prática do trabalho, o MBA é uma oportunidade ímpar para viver novas experiências, realizar conexões e potencializar a trajetória profissional a ser seguida.

## Investimento de impacto

No GEF Capital Partners, Maria Clara analisa, principalmente, os setores de energia, alimentos e agronegócio, os dois últimos sendo responsáveis pela maior parte das emissões de carbono no Brasil. Ela compartilhou que alguns dos desafios do agronegócio são o acesso ao crédito e a exposição aos riscos atrelados às oscilações nos preços de commodities e fertilizantes. No entanto, Maria Clara reforçou o posicionamento do Brasil como vetor e referência em inovação no agronegócio no que diz respeito à agricultura de precisão e ao uso eficiente dos recursos.

Analisando o contexto atual do nicho de investimento, ainda há desafios em termos de enquadramento de impacto, onde por um lado muitas empresas geram impacto na veia sem se valer de tal discurso e, por outro lado, ainda há aquelas que preferem salientar um impacto inexistente. Essas últimas praticam *greenwashing*, que consiste na promoção de uma imagem atrelada à sustentabilidade, quando, na prática, isso não é observado. Apesar disso, também se observa uma onda de companhias que estão se comprometendo com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).



Principalmente a partir da Guerra da Ucrânia, a dependência europeia do gás natural se tornou um problema mais grave, o que motivou diversas potências a buscar fontes alternativas de energia, especialmente a eólica. Nesse contexto, o Brasil se beneficia, por ser referência global em energia renovável.

Para continuar analisando uma empresa, a gestora elabora, ainda antes da diligência, um Fit Index de impacto, que leva em consideração a questão ambiental, a diversidade, a governança e as certificações, gerando uma nota. Uma vez tomada a decisão de levar uma companhia para diligência, o GEF Capital realiza uma diligência ESG, da mesma forma que faz com as esferas financeira, business, legal, fiscal, trabalhista e outros. Uma vez tendo investido na companhia, o GEF ainda trabalha em um plano de geração de valor e monitoramento de KPIs de impacto através do Comitê de ESG que acontece mensalmente.

Maria Clara destaca que ainda existe algum grau de distorção sobre o que é investimento de impacto, em que se acredita que investir em clima é sinônimo de abrir mão de retorno financeiro. Consistentemente, fundos de private equity temáticos, dentre eles fundos climáticos, têm provado o contrário através de retornos financeiros atrativos. A análise financeira e de impacto são igualmente importantes na hora de analisar uma nova oportunidade de investimento, caso contrário, a ausência de *track record* impossibilitaria a continuidade de qualquer gestora.

## Mercado de Private Equity

Na conjuntura atual de alta da inflação e dos juros, paira o receio de recessão ao redor do mundo. Entretanto, por conta do ciclo de investimento de Private Equity ser, geralmente, de 10 anos, os fundos possuem mais tempo hábil de passar por ciclos de contração e se recuperar. Esse aspecto se torna relevante especialmente no Brasil, onde, não raramente, vivemos períodos de economia conturbada. Maria Clara aponta que o *track record* de uma gestora é um dos fatores mais importantes para permanecer no mercado e ter a capacidade de enfrentar momentos de crise. O foco no cliente e a transparência também são imprescindíveis para se estabelecer e se manter atuando. Afinal, se a gestora não consegue construir essa relação de confiança, dificilmente consegue levantar novos fundos e, sem eles, não há como prosseguir.

Acerca do futuro de private equity no Brasil, Maria Clara tem visão otimista. A conjuntura político-econômica prevê boas perspectivas e tem atraído investidores estrangeiros, inclusive bancos de desenvolvimento. Nesse cenário, há tanto gestoras maiores e generalistas se consolidando como os maiores *players* no mercado de private equity quanto gestoras de menor porte se especializando em temas e nichos de mercado. Assim, observa-se fundos sendo criados mesmo num cenário instável como o atual e enxerga-se uma tendência de crescimento do mercado de private equity brasileiro no longo prazo.



**CJE**

A Empresa Júnior de  
Mercado Financeiro  
da FGV